



ASSUNTOS MILITARES

Coordenador: Cel. AYRTON SALGUEIRO DE FREITAS

I — SUPERESTIMA DA TÉCNICA NA CONDUTA DA GUERRA

FERDINAND OTTO MIKSCHÉ

Artigo dedicado pelo autor à "Revista
Militar de Portugal"

PREÂMBULO

Qualquer empreendimento fica numa posição de passivo quando o preço do seu custo é superior ao benefício que traz. Quem teria a idéia de empreender um trabalho com utensílios cuja aquisição e mão-de-obra diminuíssem o rendimento?

Qualquer que seja a produtividade de uma máquina, para que servirá fabricar maior número de produtos do que aquêles que o mercado pode absorver, especialmente quando se trata de objetos especiais não destinados ao uso corrente?

Êstes princípios econômicos, tão conhecidos, podem ser transpostos para o domínio militar.

Quando se trata de fazer a guerra é igualmente necessário esforçar-se por adaptar tudo aos objetivos visados, de forma a atingir tais objetivos com despesa mínima. Mesmo a arma mais moderna perde o seu valor quando o custo resultante da montagem é superior ao seu efeito prático.

As forças cujo rendimento não esteja de acôrdo com as despesas resultantes do emprêgo do seu material são antieconômicas.

Exprimamos esta idéia de forma imaginária: que interêsse haveria em inventar uma viatura capaz de transportar três vêzes a carga útil duma viatura normal a 800 km à hora, mas cujo preço seria cinco vêzes superior e o consumo de combustível multiplicado por 10? Para utilizar a rapidez de tal engenho seria necessário construir auto-estradas de 200 m de largura. Como não é possível dotar um país duma rêde suficientemente densa dessas auto-estradas de 200 m seria necessário operar o transbordo das mercadorias para veículos mais pequenos, o que poderia levar a engarrafamentos. Apesar das suas qualidades técnicas excepcionais tal invenção seria inútil, tanto por razões práticas como financeiras.

O exemplo apresentado parecerá, talvez, absurdo, ainda que ajude a compreender a idéia exposta.

Quando se trata de guerra, a má dosagem dos meios ou do seu rendimento não põe em causa sòmente o problema do "rendimento" dum sistema militar, mas, em certas circunstâncias, a sua própria utilidade, especialmente quando nos encontramos perante missões que se não podem cumprir com os meios de que dispomos.

É com esta idéia que encontramos as **brechas** nas quais se infiltra facilmente o **simples** que será o ponto de partida da batalha contra o **complexo**.

Nem todos os campos podem ser cultivados com tratores e mesmo quando isto é possível, em muitos casos, é indispensável completar o trabalho com uma simples charrua. Se o não fizermos então a erva daninha crescerá nos lugares que não foram lavrados e, a pouco e pouco, invadirá o campo.

Apesar da sua grande eficácia e do seu grande alcance, apesar das enormes velocidades ou, precisamente, por causa delas, muitas das armas modernas não são adequadas a cobrir o tempo e o espaço na medida desejada.

Quer seja devido ao perigo das represálias que o seu emprêgo eventual pode trazer ou, noutros casos, devido à sua grande velocidade e, muito freqüentemente também devido ao seu custo elevado, estas armas começaram a neutralizar-se a si mesmas. Começa a verificar-se nitidamente em muitos domínios da técnica de guerra, por uma razão ou por outra, um gênero de processo de saturação, pelo qual o valor prático de muitas armas evolui insensivelmente ao contrário. Os antigos gregos tinham já descoberto a simples verdade de que "um homem é a medida de tudo". As aptidões que a natureza deu ao homem, têm os seus limites intransponíveis. Mesmo que o seu aumento se torne possível em proporções que não são de desperdiçar, graças à técnica, não é menos verdade que os engenhos cujas qualidades não podem equilibrar-se com as aptidões naturais do homem, perdem parte da sua utilidade.

Se o olhar humano avista um alvo a 500 m de distância no mínimo, o fuzil com o alcance de 6.000 m não passará duma curiosidade.

Qual a vantagem duma metralhadora que dê 1.600 tiros por minuto, se 800 forem suficientes? E qual o "interêsse comercial" dos engenhos teleguiados? Sem contar com as instalações de lançamento, um foguete **Matador**, transportando 2 toneladas custa 20 milhões de cruzeiros. Por um preço seis vèzes superior pode conseguir-se um avião moderno capaz de efetuar, em média, 35 saídas de combate.

A VELOCIDADE DOS AVIÕES E A DCA

Os aviões que sulcam o céu do campo de batalha a 2.000 km à hora estão praticamente livres da artilharia antiaérea.

Como será possível atingi-los com os canhões quando não há tempo de os visar? Uma bateria de DCA ligeira, que vem a custar mais de meio billão de cruzeiros não será demasiado cara para produzir um simples efeito de intimidação? Pela mesma soma poder-se-ão equipar quatro a cinco batalhões de infantaria que, bem instruídos, podem ser muito mais úteis. Dever-se-á dotar as tropas, que estão na frente, com armamento antiaéreo? Sem atender ao problema, que não é de desprezar, de saber se a defesa antiaérea é tècnicamente solúvel, mantém-se a realidade: os investimentos necessários à instalação de uma proteção eficaz dificilmente se poderão encontrar. Se tentássemos fazê-lo seria então em detrimento de equipamentos de maior rendimento. Inversamente, pode perguntar-se qual é o valor tático de aviões de onde se vê a paisagem tal como dum comboio em andamento se vê desfilar os postes telegráficos. Como se poderá de tais aviões, pela observação, descobrir e atacar ao mesmo tempo objetivos bem camuflados (tais como baterias e resistências) no lapso de tempo do que se dispõe: uma fração de segundo?

As vantagens conseqüentes da velocidade não se repercutem apenas na precisão do tiro, mas também na maneabilidade dos aviões. As suas possibilidades de visar pequenos objetivos em terra diminuem.

Tôdas estas condições deveriam ser consideradas, no futuro, sobre novos problemas para o apoio aéreo.

MORTEIROS LANÇA-FOGUETES E CANHÕES

Uma grande eficácia técnica não significa sempre aptidão tática ou "rendimento". Os canhões de campanha tornaram-se oito vèzes mais caros desde 1918, o que se deve, essencialmente, ao seu aperfeiçoamento.

As qualidades balísticas e a rapidez do tiro foram melhoradas, muitos dêstes canhões são hoje montados sobre reparos biflechas.

Pode-se contudo perguntar se êstes aperfeiçoamentos técnicos estão de acôrdo com o preço. O poder de fogo relativamente elevado de que dispõem as divisões soviéticas, apesar dos efetivos pouco elevados,

em comparação com os dos ocidentais, é espantoso! Mas, cêrca de metade das bôcas-de-fogo são morteiros ou lança-foguetes organizados em grupos ou mesmo em regimentos. Estas duas armas são relativamente primitivas e portanto incomparavelmente menos caras que os canhões de artilharia normal, que carecem, para a sua fabricação, duma técnica de precisão.

Os lança-foguetes apresentam-se em "rals" montados em viaturas que servem de rampas de lançamento. Em média não têm mais de $\frac{1}{8}$ do pêso dum canhão de campanha do mesmo calibre, o que facilita o serviço e o transporte. Os lança-foguetes têm o alcance de 4.000 m enquanto que os morteiros soviéticos de 160 mm são eficazes até 7.000 m. Mesmo se a precisão destas armas é insuficiente para bater objetivos certos, elas são, por outro lado, notavelmente aptas à neutralização de zonas por meio de tiros de barragem ou de flagelação — tiros êsses que, doutro modo, exigem grupos inteiros de artilharia. Os canhões empregam-se sobretudo para tiros de precisão ou sôbre objetivos à grande distância, enquanto que os morteiros e os lança-foguetes tomam a seu cargo muitas das missões de artilharia com uma eficácia suficiente e por menor despesa.

NOTA — Na Divisão de Infantaria soviética, conta-se, por exemplo, para 48 canhões de campanha, 18 morteiros de 120 mm, 24 morteiros de 160 mm e 18 lança-foguetes. O morteiro de 120 mm M 43 pesa 256 kg e pode atirar 12 granadas por minuto, de 16,4 kg cada, a uma distância de 5.700 m.

Por outro lado o obus M 38 de 122 mm, pesa 2.260 kg e dá 6 tiros de 21,7 kg por minuto a uma distância máxima de 11.800 m.

Além das bôcas de fogo enumeradas, a Divisão dispõe mais de 82 morteiros de 81 mm no escalão de Regimento de Infantaria.

Nos exércitos Ocidentais, não se encontram morteiros senão na Infantaria (a Divisão de Infantaria conta 54 morteiros de 60 mm e 54 morteiros de 81 mm). Não existem nem Grupos nem Regimentos inteiros de morteiros.

OS PREÇOS PROIBITIVOS DOS HELICÓPTEROS E DE CERTOS CARROS DE ASSALTO

Os helicópteros são certamente úteis em muitas situações. No entanto, não podem considerar-se como o engenho faz-tudo, mas continuam a ser um mero destino a ser empregado em certos casos especiais. Não só o elevado preço de construção e de utilização mas também as suas qualidades técnicas tornam difícil o seu emprêgo generalizado na concepção com base em unidades importantes.

Se, por um lado, o problema da defesa aérea contra aviões voando à enorme velocidade é insolúvel, por outro lado os helicópteros deslocando-se lentamente seriam alvo fácil para as unidades de DCA de que dispõe qualquer Divisão de Infantaria soviética.

Numa Divisão de Infantaria soviética, só o número de metralhadoras pesadas de 12,7, tipo Degtjarew, ultrapassa 90 (cadência do tiro: 575 tiros por minuto, alcance 2.000 m).

Um helicóptero de 12 lugares custa 30 milhões de cruzeiros, soma que permitiria equipar completamente 150 homens (armamento individual, mais metralhadoras, mais quatro morteiros sôbre quatro viaturas).

É certo que se pretende que a utilização dos helicópteros multiplica por três o valor tático de uma tropa, mas mesmo que isto fôsse verdade não passaria de 36 homens que dificilmente poderiam bater-se, em tôdas as situações, com 150 homens mais bem armados.

Para transportar um batalhão inteiro seriam necessários pelo menos 50 helicópteros com cujo preço se poderiam armar regimentos inteiros.

Sob muitos pontos de vista um carro americano está mais bem equipado que um carro soviético, e é de acreditar que, em combate singular, o carro americano será superior. Mas como o preço de custo de um carro americano é de cêrca de três vêzes superior, 90 carros soviéticos saem pelo mesmo preço que 30 carros americanos. Qual tiraria vantagem na hipótese de se encontrarem frente à frente? Apesar da superioridade qualitativa a quantidade não será decisiva? Aquêlle que dispõe de vantagem quantitativamente pode melhor agir sôbre o inimigo, tanto no espaço como no tempo.

Carros de um valor de 20 milhões de cruzeiros podem ser atualmente destruídos com um foguete teleguiado relativamente simples, arma que, com o pêso de 15 kg, destrói uma placa de aço de 300 mm a 1.000 m de distância e que custa cêrca de 250 mil cruzeiros.

Mesmo se fôsem precisos uma média de 10 dêstes projéteis para destruir apenas um carro, o seu preço ficaria ainda 10 vêzes inferior ao do helicóptero.

Os numerosos perigos aos quais estão expostos, nos nossos dias, os serviços de abastecimento das tropas mecanizadas — as colunas de viaturas de 100 km de profundidade que devem segui-las nas estradas — juntando-se ao desenvolvimento das armas perfurantes, apresentam, novamente, o problema do rendimento das unidades blindadas caracterizadamente caras. O armamento completo dum batalhão de 60 carros custa tão caro como o de seis a oito batalhões de infantaria. Ou, se quereis outro exemplo, pelo preço de um batalhão blindado podem construir-se quatro a cinco unidades de foguetes anticarros, de 18 tubos cada, suscetíveis de expelir 180 projéteis por minuto.

Nos dados anteriores não foram tomados em conta, as despesas de atuação que se traduzem sobretudo na multiplicação de serviços de retaguarda que apóiam as unidades da primeira linha. Tal número é incomparavelmente mais elevado para as unidades de carros do que para as unidades anticarros ou de infantaria.

Já o Marechal Rommel, que tinha no domínio da guerra mecanizada grande experiência, notara a importância das armas perfurantes sem poder, no entanto, suspeitar, nesse momento, do seu desenvolvimento atual. Assim pensou cortar, por meio de ataques aéreos, o reabastecimento das unidades blindadas da rotura, para mais facilmente as fazer parar com uma barragem de simples canhões escalonados em profundidade, ou pelo menos travar a sua marcha, de forma a poder destruí-las por meio de contra-ataques de pequenos grupos de infantaria sustentados por alguns carros.

ARMAS DE SUBSTITUIÇÃO E ARMAS COMPLEMENTARES

Naturalmente a tentativa esquemática de comparar o preço de custo de diferentes armas pode levar a erros. Os números citados são contudo interessantes. Querer reduzir a um denominador comum meios tão dissemelhantes como carros, helicópteros, canhões anti-carros e infantaria não deve ser certo. No entanto, não perdemos o nosso tempo, pois, no fundo, tôdas as armas têm pontos comuns ainda que sejam diferentes entre si. É por isso que, em grau, não fácil de definir-se, elas podem substituir-se umas às outras e mais ou menos completar-se. Não é ponto de discussão o fato de que as tropas devem dispor de variedade de meios. Mas é preciso procurar a sua combinação num sistema militar equilibrado, atendendo simultaneamente a uma ponderada cooperação e ao aspecto econômico do problema.

Qualquer que seja o seu caráter esquemático os números citados, não são despidos de interesse, e assim provam que as somas consagradas ao armamento, com vista numa guerra ofensiva de grande envergadura, representam mais do dôbro daquelas que correspondem às unidades destinadas à defensiva, sem entender por isto, evidentemente, que defensiva é uma atitude absolutamente rígida. Quanto mais as tropas são organizadas com idéia na mobilidade tanto maiores são as suas necessidades em reabastecimentos e portanto em serviços.

Certamente que na hora atual um exército moderno sem forças altamente mecanizadas dificilmente pode ser considerado como apto para combate.

Mas um sistema militar que procura realizar as variadíssimas missões que se apresentam no campo de batalha unicamente com as suas tropas mecanizadas não dá rendimento quando meios mais simples fôssem suficientes. As divisões, armadas tanto para a ofensiva como para a defensiva e capazes de operar com grande independência, são extremamente caras. Evidentemente que unidades aptas para ações ofensivas são igualmente eficazes na defensiva mas, inversamente, as tropas destinadas à defensiva e de mobilidade limitada dificilmente poderão empreender uma ofensiva de grande envergadura. À primeira vista as divisões ocidentais são concebidas segundo dois

tipos: a Divisão de Infantaria Mecanizada (18.887 homens, 3.262 veículos e 133 carros) e a Divisão Blindada (17.291 homens, 3.912 veículos e 297 carros) mas, olhados mais precisamente, no fundo, não são essencialmente diferentes. Qualquer delas não dá realmente rendimento senão em grandes ofensivas como, elementos decisivos no campo de batalha. Mas a guerra é a variedade incessante de diferentes tipos de combate, especialmente de ataques e de defesas.

Para que serviriam os 3.262 veículos de uma Divisão de Infantaria se esta tiver a frente situada por detrás de um obstáculo, como por exemplo um rio ou uma posição na montanha. Em tais casos, que são freqüentes, 600 viaturas seriam suficientes para assegurar o abastecimento. Para que serviriam os 133 carros que fazem parte orgânica da divisão e para os quais não existem senão limitadas possibilidades de combate em terreno difícil. Para que servem também os quatro grupos de artilharia quando, em certos casos, um só é suficiente? Qual a utilidade dos numerosos veículos e do material pesado se a divisão tem de combater com guerrilheiros?

DIVERSIDADE DE MISSÕES; MULTIPLICIDADE DE MATERIAIS

As numerosas missões que se apresentam na guerra não podem ser cumpridas por um ou dois tipos de unidades padronizadas. A adaptação às missões militares e também o rendimento visto sob o ponto de vista econômico necessitam de tropas de categorias diferentes, de forma a utilizar, na medida do possível, os meios adaptados às condições de emprêgo.

Difícilmente se chamará progresso à corrida para a perfeição, que tende a levar todos os elementos dos exércitos até ao último grau de aperfeiçoamento técnico, introduzindo meios materiais cujo preço não corresponda ao efeito prático ou, ainda, criando unidades cujo emprêgo é indiscutivelmente pouco rendoso em muitas situações.

Em resumo, pode dizer-se que as armas ou engenhos perdem pouco a pouco uma parte da sua eficácia nos seguintes casos:

1. Quando seu emprêgo traz represálias que possam pôr em dúvida os próprios êxitos obtidos.
2. Quando suas qualidades não podem combinar-se com as atitudes naturais do homem.
3. Quando o seu preço de custo é superior ao seu efeito prático de combate.
4. Quando uma multidão de engenhos simples, cujo preço de custo é inferior ao dos engenhos caros, permite atingir resultado idêntico.

5. Quando é possível inventar meios que permitam destruir, por pouco preço, as armas caras.

6. Quando a manutenção dos engenhos, que se encontram na 1ª linha, precise de serviços de tal importância que a imobilidade e a complicação que daí resulte torna todo o sistema demasiado sensível e quando os preços de manutenção se tornam proibitivos.

Qualquer que seja o acréscimo de eficácia que as armas especiais conferem a um exército, sem equipamento básico não é possível a existência de um exército. É notável que, especialmente sob o ponto de vista político, forças armadas numerosas são mais impressionantes que forças pouco numerosas, mas de alta qualidade. Uma boa política de armamento pede, antes de mais nada, a aquisição de armas de aplicação geral, em número suficiente não só para as tropas do ativo mas também para as reservas, a constituição de "stocks" de munições, de combustíveis, de víveres e de fardamento nos depósitos.

Só depois de ter preenchido estas condições primordiais é que pode pensar-se em engenhos especiais, principalmente naqueles cujo preço elevado não permite a aquisição em grande quantidade, quantidade essa que, só por si, seria de efeito decisivo.

Não pode ter-se tudo ao mesmo tempo, e é por isso que é ilógico empreender tudo simultaneamente e descuidar conseqüentemente o equipamento básico, como acontece no mundo Ocidental. Aquêles que agir desta maneira não possui, em última análise, nada em quantidade suficiente. O verdadeiro progresso consiste em, simultaneamente, libertar as tropas da imobilidade dum "materialismo" exagerado e pô-las em melhores condições de funcionamento, equilibrando o rendimento com as possibilidades financeiras.

O bom caminho consiste na moderação com respeito aos extremos. Ou, para ser mais preciso, uma organização militar eficaz não deve ser concebida segundo princípios: **Arma atômica, engenhos, depois combatentes**, mas, sim, antes com êste outro: **Combatentes, depois engenhos, depois arma atômica**, constituindo um todo equilibrado.

UNIFORMES MILITARES
BANDEIRAS — DISTINTIVOS
VENDAS A CRÉDITO

CASA MORAES ALVES

Rua Uruguaiana, 174-A — Tel. 43-6653

II — OS SOVIÉTICOS TENTAM CERCAR A OTAN PELO SUL

Coronel G. SILVA ROCHA

Num artigo intitulado "O Escudo da OTAN" publicado na Revista da Defesa Nacional, o General Paul Allard, Comandante-Chefe das Fôrças Francesas na Alemanha, denuncia as "insuficiências" e "inadaptação" da OTAN na conjuntura atual.

"Essa defesa ou amparo — diz — tal como foi concebido, faz lembrar a linha MAGINOT... O movimento de cêrco, destinado a envolver pelo Sul todo o sistema de defesa da OTAN, está mais do que visto. Como muito bem assinalaram especialistas como MONTGOMERY e SPAAK, não será provávelmente na EUROPA que virá a jogar-se a partida decisiva entre o Comunismo e o Mundo Livre, mas sim, na África e na Ásia e sob uma forma mais econômica e social do que militar. Os russos hoje servem-se do seu poder atômico como se fôsse um escudo e reservam a função da espada a outros meios, como sejam os psicológicos e subversivos. O que êles chamam "coexistência pacífica" é, na realidade, uma guerra revolucionária, cujos objetivos estão fora da EUROPA, isto é, nos países subdesenvolvidos e insuficientemente armados".

Continuando, assinala que, "Perante esta forma de combate, não foi encontrado nenhum outro processo além das reações nacionais dos países que se sentem diretamente ameaçados. A OTAN não tem uma política global. O Ocidente não possui mesmo a "task force" de intervenção aliada que o Alto Comando do SHAPE reclama há tantos anos".

E pergunta: "Por que é que aquilo que foi possível fazer-se no plano limitado da EUROPA não se faz em escala mundial? Não se poderá conceber uma ampliação da OTAN, um acréscimo do número de setores de defesa, um aumento do número de países membros? Parece-me que deveríamos tirar à Organização Atlântica o nome de "fôrça de represálias" e chamar-lhe antes "escudo atômico", e o emprêgo das fôrças militares chamadas clássicas seria conjugado com o das armas psicológicas, política, econômica e social, que constituiriam a "espada moderna" de defesa, adaptada à guerra revolucionária".